

A POÉTICA DE PAULO NUNES

Nathália da Costa Cruz¹

RESUMO

O escrito ora proposto pretende uma espécie de amostra biográfica, uma apresentação panorâmica, um sobrevoo rasante da/na poética do escritor paraense Paulo Nunes. A escrita biográfica transporta um amplo conjunto de valores que constituem o biografado: as impressões pessoais; a formação; a história de vida; os compromissos com a sociedade que o formou e consigo mesmo. Quando se reconstitui a vida de uma personalidade, é comum narrar os fatos de acordo com uma cronologia e trajeto mais ou menos organizados. Nesta recomendação, apresentar-se-á a poética de Paulo Nunes numa progressão temporal sucessiva e linear. As obras foram agrupadas conforme a temática. Escrever a vida de um poeta é contar/ cantar não somente a história do autor, mas também um pouco a história dos livros. Todo texto está sujeito à interpretação e toda interpretação começa a partir da primeira leitura – a do autor. Uma obra literária é, pois, um documento que nos possibilita conhecer quem a criou, seu étimo espiritual, a sua visão de mundo. Com efeito, importa registrar o nome deste escritor de obra poética vasta e significativa, mas até então pouco conhecida. Deste modo, a contrução de uma biografia literária é de grande relevância, visto o emergente levante pelo (re)conhecimento da produção de escritores/ intelectuais da Amazônia. Elevar a cultura amazônica e amalgamá-la à nacional é imprescindível para que possa a Literatura de expressão amazônica ser a fonte primeira em que se abeberem os leitores/educandos e, a partir

Paulo Nunes: traços biográficos

Paulo Jorge Martins Nunes, ou simplesmente Paulo Nunes, vive pendurado, feito uma aranha aprendiz, no fio da palavra; ora é professor, ora poeta. É canceriano e nasceu em Belém do Pará, na Amazônia, terra onde quase tudo – cheiros, cores, sons, temas (inclusive contrastes) – é exagerado. Entrelaçou-se a Josse, uma libriana descendente de Scherazade. Seu primeiro livro foi sua avó, Dona Judith, uma cabocla marajoara que contava lendas e histórias dos povos da floresta².

Paulo Nunes é Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, onde escreveu a tese “Útero de Areia, um estudo do romance *Belém Do Grão-Pará*, de Dalcídio Jurandir”. É Mestre em Letras – Teoria Literária, pela Universidade Federal do Pará – UFPA –, com a dissertação intitulada “Aquonarrativa dalcidiana: uma leitura do tecido narrativo de *Chove nos Campos de Cachoeira*”. Trabalha como professor nas áreas multidisciplinares de Comunicação, Cultura e Linguagem Literária. Professor da graduação em Letras e do Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia – UNAMA. Como professor-pesquisador atuou/atua nos projetos “AFROAMALUS: palavras e imagens, estudos de autores lusófonos: africanos, portugueses e brasilamazônicos” e “Literatura e Negritude”, ambos como coordenador de pesquisa.

Paulo Nunes participou ativamente do grupo lítero-musical “Mãos Dadas”³. O grupo criado em 1981, no “Colégio Estadual Deodoro de Mendonça”, de uma “conversa-desafio” entre Josse Fares e Ciro Pimenta, professores de Língua Portuguesa daquele estabelecimento de público ensino. A ideia era a de divulgar a literatura para os alunos, em trabalhos extraclasses, em complemento ao conteúdo ministrado em sala. Entretanto, somente Josse levou a cabo o projeto.

Na época, a imprensa divulgou farto material nos jornais de Belém. Dos trabalhos mais significativos montados pelo grupo estão: “O social em Chico Buarque e Drummond”, “Falando de amor” e “Mostra de músicos e escritores paraenses”. O grupo lítero-musical “Mãos Dadas” acabou por tornar-se um dos agentes determinantes, na esfera do ensino escolar, da difusão da cultura paraense em Belém, e por ele passaram vários militantes culturais que hoje atuam Pará afora: Elaine Oliveira, Linda Ribeiro, Beto e Josebel Fares, Inácio Obadia, Jaciléa Papaléo, Salomão Habib, Mário Moraes, Márcia Moraes, Sandra Nunes, Luís Fagury Videira e muitos outros. O grupo durou cerca de dez anos, de 1981 a 1991.

O grupo fora convidado pelo professor Paes Loureiro, secretário de Educação e Cultura do município de Belém no período, para integrar a programação, como grupo fixo da “Serenata do Carmo”, depois o mesmo ocorreu no “Projeto Praça Aberta”, agora na SECULT/PA, declamando poemas associados às músicas, sempre priorizando, mas não somente, autores, escritores e compositores do Pará. Foram vários trabalhos feitos em escolas estaduais e municipais, praças e centros culturais, como a feira do Ver-O-Peso, em bares e outros locais os mais incomuns, mas sempre com estreia no “Colégio Estadual Deodoro de Mendonça”. O grupo se empenhava em desbravar e abrir espaço para a literatura e a música que consideravam de qualidade.

Quando ainda cursara o segundo grau, Paulo Nunes participou ativamente dos festivais de poesia e música dos colégios estaduais “Augusto Meira”, “Sousa Franco”

dela, apurem o gosto pela Literatura universal.

PALAVRAS-CHAVE:

Poética. Paulo Nunes. Biografia Literária. Literatura Amazônica.

e “Deodoro de Mendonça”. No “Festival de Integração do CEAM”, sua poesia foi premiada pela primeira vez, com os acordes de “Canção”; a experiência como letrista se deu na parceria bissexta com Beto Fares, que propiciou a participação no Festival da Canção do “Colégio Rêgo Barros”. Na Universidade Federal do Pará, onde se graduou em Letras, fez parte do movimento literário “Saco Cheio” e do grupo político “Macunaíma”, onde ajudou a fundar o Centro Acadêmico de Letras e o espaço-teatro aberto “A BreXa”.

No “XII Concurso de Contos da Região Norte – Contistas da Amazônia – Belém – Pará” (2005), promovido pela Universidade Federal do Pará, foi premiado com o conto “Um Dedo Bailarino e Azul”. Em fevereiro de 2006, foi eleito o colunista da semana do Café Literário do Jornal do Brasil, com o conto “Feira”. Em maio do mesmo ano, a crônica “Santa Teresa nos embala no bonde”, foi divulgada em um sítio literário a nível nacional. Participou, como poeta-homenageado, do “Projeto Janelas Literárias” (2008), da UFPA. Paulo Nunes e Benedicto Monteiro foram os escritores homenageados no “I Simpósio de Literatura Paraense – Pescadores de Palavras: poesia e prosa na rede do Norte” (2011) promovido pelo Instituto de Letras e Comunicação da UFPA.

Em 2012, Paulo Nunes participou do “Projeto Seiva”, promovido pela Fundação Curro Velho, cuja edição versou sobre “Literatura, conversações sobre arte e ofício”. O projeto traz a público, saberes da cultura contemporânea, relacionados às múltiplas linguagens artísticas, estabelecendo um espaço de diálogo com artistas, educadores, instrutores e pesquisadores reconhecidos nas respectivas áreas de atuação.

Sempre engajado, Paulo Nunes, mais que um escritor, é um divulgador da poesia, da leitura literária. O poeta vê a vida entre safra de sonhos, nos limites do real e do fictício até que “a miopia os separe”. O escritor é também um cidadão preocupado com o meio ambiente e, por isso, montou a mostra de poemas-objetos “Geringonças” (1996), em que propõe a utilização de materiais

reciclados para discutir a problemática do despejo irregular e desenfreado de resíduos em Belém. “Geringonças” ficou exposta na galeria da “Casa da Linguagem” da Fundação Curro Velho.

Mais recentemente, o escritor divide-se em atividades acadêmicas, de onde se pode destacar o fato de integrar o corpo editorial tanto da revista *Asas da Palavra*, da graduação em Letras da Unama (atividade que completa neste 2013, vinte anos ininterruptos de publicação) quanto da coleção multidisciplinar *Linguagens*, concebida e organizada pela professora Célia Jacob, envolvendo várias modalidades de linguagens estéticas e comunicacionais. Em 2012 foi o organizador de *Porongas, Cestos e Palavras: vozes de ensinar e aprender*, escrito por Josse Fares. O mesmo aconteceu com *Poemas Impetuosos*, de Dalcídio Jurandir (Paka-Tatu, com apoio da “Casa de Cultura Dalcídio Jurandir”), fruto de projeto de pesquisa anteriormente citado e desenvolvido na Unama. Em 2013, Nunes organizou a terceira edição de *Serões da Mãe Preta*, de Juvenal Tavares, sob a chancela de Vicente Salles. Atualmente Paulo Nunes termina coletânea de microcontos sobre as lendas da Amazônia, sem data prevista para lançamento.

Literários

Figura 1 – Portada *Em Citrial: uma história que parece duas*.



- 1 Texto de contracapa do livro *Baú de bem-querer* (2006), com adaptações.
- 2 Texto de contracapa do livro *Baú de bem-querer* (2006), com adaptações.
- 3 O nome “Mãos Dadas” tomou como inspiração o poema homônimo de Carlos Drummond de Andrade. Tal qual o poema de insatisfação de Drummond, o grupo convidava à revolução pela arte, em especial à literária. Ressalta-se que em 1981, em época de redemocratização, o poema tornou-se um hino à contemporaneidade.

Paulo Nunes estreou nas Letras em 1986, com *Em Citrial: uma história que parece duas*. A obra foi publicada após ser vencedora de um concurso literário pela qual concorreu ao “Prêmio Literatura Infantil da Prefeitura de Belém”, promovido pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura – SEMEC. *Em Citrial: uma história que parece duas* trabalha com várias possibilidades de leitura: “Há leitura da ilustração, de texto e ilustração, só de texto”, segundo resenha a escritora paraense Maria Lúcia Medeiros no prefácio da obra. Trata, na verdade, do resultado de uma experiência instigante, uma espécie de desafio criativo, fez com que o livro fosse escrito ao estilo renga⁴: letras de Paulo Nunes e ilustrações de Branco Medeiros. Em prosa poética, o texto narra o amor interdito entre Beija-Flor e Dália. Uma historieta de amor, entre jardins e poesia, cheia de erotismo.

O livro de poemas infanto-juvenil *Banho de Chuva*, lançado pela primeira vez em 1990, chega ao ano de 2010 a sua quinta edição com uma tiragem de mais de 21 mil exemplares vendidos. Um dado extraordinário em se tratando de uma Literatura produzida na região amazônica, tantas vezes relegada às coxias do cenário literário nacional.

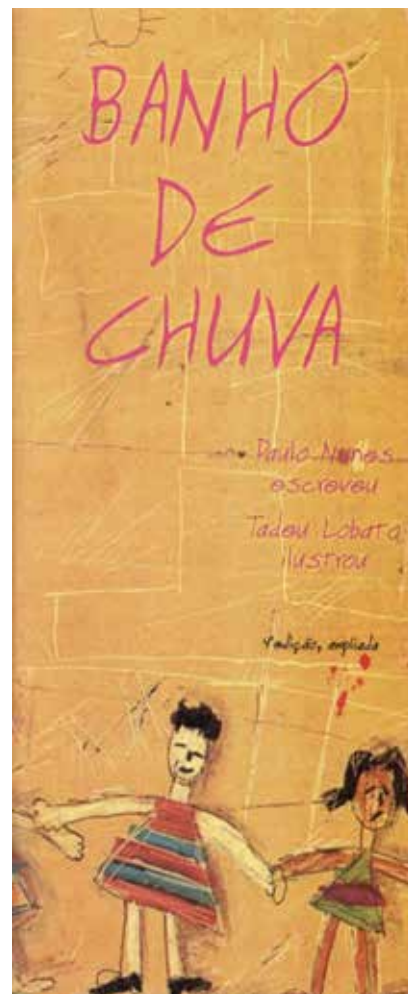
Figura 2 – Portada da 3. ed. de *Banho de Chuva*.



brincando na chuva. À tarde de chuva em Belém é o momento propício ao lúdico, às águas encharcando a imaginação.

Na capa de Emanuel Franco, o cenário cinza-azulado é atravessado pela água da chuva, alude e evoca a paisagem de Belém numa tarde chuvosa. Nela se podem ver, em primeiro plano, os personagens temas dos poemas: o cascalheiro, a velhinha vendedora de cheiro, o engraxate, o carvoeiro, a sereia, entre outros. Em segundo plano, aparece o mercado de ferro do Ver-o-Peso, ponto comercial, histórico e cultural da cidade de Belém, os barcos que aportam todos os dias no cais, em referência ao principal meio de transporte da região. Belém não para, faça chuva ou faça sol. No interior do livro, as páginas todas são “molhadas” pelos chuveiros.

Figura 3 – Portada da 4. ed. de *Banho de Chuva*.



Banho de Chuva (1990; 1996; 2010) compõe a trilogia de Paulo Nunes sobre a cidade de Belém, tem prosseguimento com *O mosquito qu'engoliu o boi* (2002) e *Baú de Bem-querer* (2007). As quatro primeiras edições foram ilustradas por Tadeu Lobato e a quinta edição, revista e ampliada com quatro novos poemas, tem ilustrações fartamente coloridas de Emanuel Franco.

Na capa das primeiras edições, Tadeu Lobato trabalha com o traço infantil e representa em pastéis⁵, na parte superior, o desenho de um jogo de amarelinha ou “macaca” e, na parte inferior, um pequeno grupo de crianças de mãos dadas, como que formando uma ciranda, típica brincadeira infantil, anunciando a temática do livro – a infância. Em Belém é comum encontrar crianças e até mesmo jovens e adultos tomando banho e

4 Renga significa “em ligações”. É uma forma de composição poética japonesa que floresceu entre os séculos XIV e XV e consiste na composição feita por colaboração, praticado por não menos de duas pessoas, em que cada uma compõe uma parte até que se forme um todo encadeado.

5 Pastéis é uma técnica de ilustração que se faz com um pigmento encontrado em forma de lápis ou bastões. Quanto ao tipo, os pastéis podem ser secos ou oleosos, mas ambos precisam ser fixados com verniz (HADDAD, 2008, p. 59-60).

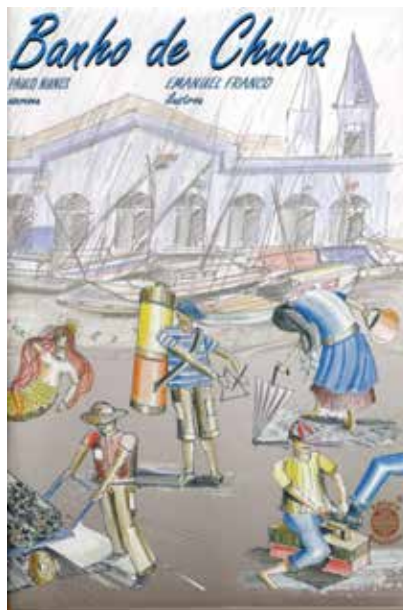
Banho de Chuva é o livro mais conhecido do escritor, uma vez que recebeu o selo “Salas de Leitura/ Bibliotecas Escolares”⁶ do Ministério da Educação. Paulo Nunes participou do Projeto “O Escritor na Cidade”⁷, da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, em convênio com a Biblioteca Pública Arthur Vianna, que o fez percorrer alguns municípios do interior do Pará (como Marabá, Conceição do Araguaia, Abaetetuba, Vigia, Bragança e Tucuruí), na década de 1990, divulgando a obra. *Banho de Chuva* foi leitura obrigatória dos vestibulares da Universidade do Estado do Pará e da Universidade da Amazônia entre os anos de 1990 e 1996. Já foi objeto de estudos de monografias de cursos de graduação e pós-graduação no Pará e em Minas Gerais, que buscam investigar os aspectos de sua Literatura voltada para o público infanto-juvenil.

6 O Programa “Selo Salas de Leitura/ Bibliotecas Escolares” foi uma das primeiras ações nacionais voltadas para a biblioteca escolar e para o incentivo à leitura e à formação de leitores, no início na década de 1980. O programa inclui a seleção das obras, a compra e a distribuição dos livros para compor os acervos de bibliotecas e de escolas públicas de ensino fundamental em todo o país.

7 O Projeto “O Escritor na Cidade”, da Fundação Biblioteca Nacional, com apoio das bibliotecas públicas estaduais e das prefeituras, desenvolve atividades de leitura com a participação de escritores nos municípios do interior, com a intenção de difundir a literatura e a leitura. Além do Pará, participaram do projeto: Espírito Santo, Rio Grande do Norte, Paraná e Rio de Janeiro. No Pará, Paulo Nunes foi o primeiro escritor a viajar pelo projeto.

8 É possível estabelecer um intertexto do título do livro com o poema “Portugal, meu avozinho”, de Manuel Bandeira, publicado em *Mafuá do Malungo* (1948). A vertente temática do poema de Bandeira se desdobra em todo o livro.

Figura 4 – Portada da 5ª edição de *Banho de Chuva*.



Conforme o apontamento do poeta mineiro Bartolomeu Campos de Queirós na apresentação da obra:

Mais do que de chuva, o livro é banhar-se em poesia. Versos claros pela rigorosa sonoridade perseguida em suas construções. Há o cotidiano reinventado, como convém à poesia, sem afastar-se da fidelidade à proposição, mas ampliando em humanidade cada personagem ou fado. Abrindo portas para um novo olhar; Banho de Chuva trouxe-me, ainda, saudades de Belém. Li algumas vezes os poemas, sinto necessidade de reler; não apenas para familiarizar-me com os temas. É que em cada leitura encontro um novo ritmo, me deparo com outros sentidos. Bonita a programação visual e as ilustrações do Tadeu Lobato. Ilustrar é mesmo mais que “decorar”. É sensibilizar-se com o assunto e tratá-lo em outra vertente. É escrever outra história em um mesmo objeto. Daí acreditar que a ilustração é um contraponto, um diálogo entre dois poetas. Também a CEJUP está de parabéns pelo investimento, de tão bom gosto e necessário.

Banho de Chuva é um registro poético das reminiscências culturais da cidade de Belém. Água, tempo e memória formam a tríade onde se fundamenta toda a vertente criativa da obra. Os poemas surgem como arco-íris após a chuva. São retratos coloridos, pintados pelas cores da infância. Que criança nunca ficou a espiar a vida passar pela janela durante um dia de chuva? E mais, que criança nunca ficou a imaginar mundos pelos vidros embaçados pelo vapor d’água? (CRUZ, 2011).

O mosquito qu’engoliu o boi (2002), surgiu de uma brincadeira com um dos poemas. O título por si só propicia uma imediata empatia entre o livro e o leitor. Em *O mosquito qu’engoliu o boi*, Paulo Nunes revolve os armazéns da memória e retoma como temática os tipos⁸ populares que ainda resistem ao processo de urbanização e modernização da cidade de Belém. O poeta reconstitui cenas de sua infância e eterniza em seus versos rostos e personagens que povoaram a Belém de outrora, ainda pacata e provinciana, hoje quase todos em processo de apagamento. Cada página pode ser vista como uma esquina da cidade. O livro, projeto gráfico e ilustrações de Emmanuel Nassar, foi um dos cento e cinquenta livros latino-americanos selecionados para o “Salão do Livro da Juventude de Saint-Dennis” (1998) na França.

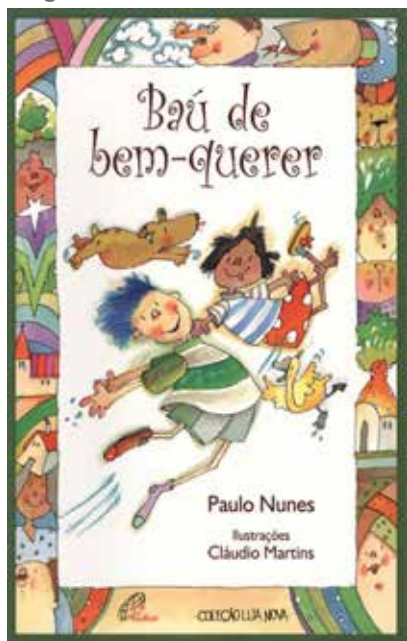
As lembranças, entendidas por Staiger (1977) como recordações, quando participam do processo de fabricação literária, acabam por engendrar uma grande teia figurativa. Nos textos presentes nos livros que compõem a trilogia para Belém pode se observar uma unidade

Figura 5 – Portada *O mosquito qu’engoliu o boi*.



conceitual, na recorrência de imagens e motivos. A esta característica dá-se o nome de intratextualidade, quando o escritor é capaz de criar elos de aproximação entre um texto e outro de livros diferentes de sua autoria (PAULINO et al, 1995). Um texto remete ao outro e continua a encenação das personagens. Esse caráter autorreferencial será uma marca recorrente na literatura de Paulo Nunes.

Figura 6 – Portada *Baú de Bem-Querer*.



Com ilustrações de Cláudio Martins, Paulo lança *Baú de Bem-Querer* (2006), livro indicado ao “Prêmio Jabuti de Melhor Ilustração” (2007). São histórias fartamente ilustradas, que valorizam a sensibilidade e a inteligência. São poemas essencialmente líricos que contam as recordações guardadas no baú de bem-querer das memórias da infância.

Baú de Bem-Querer guarda as relíquias coloridas da infância. São personagens e histórias vividas ou ouvidas e recontadas pelo eu lírico. As lembranças da escola, das brincadeiras, do avô sapateiro, da mãe costureira, dos mitos que embalam os sonhos, tudo isto transforma-se no relicário das memórias. Com muita poesia e lirismo, o autor convida: “Meninas e meninos de todas as idades abram – por favor – este baú (as dobradiças estão desenferrujadas?),

que tentei fazer feito um carpinteiro! Que ele seja de vocês também!”.

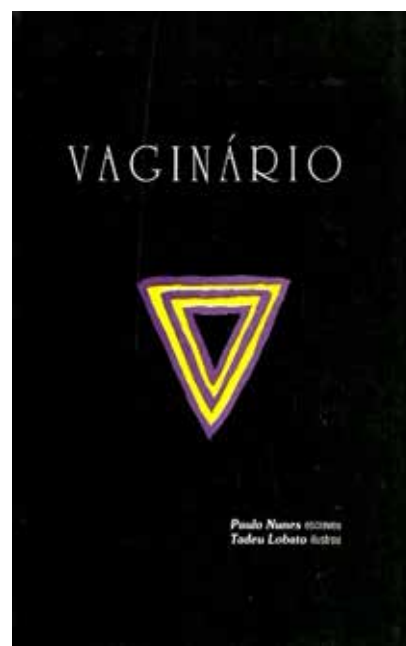
Figura 7 – Portada *Ou: poemas não são linguagens*.



Ou: poemas não são linguagens (2007) é um livro comemorativo dos 20 anos de literatura de Paulo Nunes. Apresenta composições mais duras, ásperas, frutos de um amadurecimento intelectual do escritor. Quase todos os poemas apresentam uma epígrafe ou dedicatória que ora revelam as referências literárias do escritor, ora são dedicados aos seus amigos e professores. São flagrantes as influências literárias que permeiam o texto: Max Martins, Graciliano Ramos, Dalcídio Jurandir, Guimarães Rosa, Ruy Barata, Eneida de Moraes. Como o título anuncia, os poemas da antologia são metalinguísticos, metapoéticos, metacriativos. A capa é produção do próprio escritor. Se vista de longe parece um revólver, apontando para o leitor e inquirindo-o “Ou poemas não são linguagens?”. Se vista com minúcia, se vê um zíper entreaberto. O livro à espera de leitura. Linguagens a desvendar.

Paulo Nunes inova com edição independente e lança *Vaginário* (1993), antologia de poemas eróticos, ilustrado por Tadeu Lobato. Na mesma linha, desta vez em contornos fálicos, publica *Peniário* (1997).

Figura 8 – Portada *Vaginário*.



Em *Arco Mutante dos Huacos* (1997), faz uma espécie de fusão entre os dois livros eróticos – *Vaginário* e *Peniário* – já que um, de certa forma, completa o outro.

O interessante da literatura erótica é a engenhosidade do poeta em transformar o que ao primeiro olhar pode parecer vulgar, em algo sublime, lascivo e, acima de tudo, lúdico. A ludicidade do erótico evoca ainda mais o prazer de se ler, a fruição de que tanto falava Roland Barthes (1987).

Figura 9 – Portada *Arco Mutante dos Huacos*.



Figura 10 – Portada Água de Moringa.



Durante a programação da “VII Feira Pan-Amazônica do Livro” com capas do artista plástico paraense Emmanuel Nassar, Paulo lança *Água de Moringa* (2003), integrando um dos quatro volumes da “Coleção Pará Didática”. A coleção da Editora Amazônia chega ao mercado editorial com a proposta de servir de base para projetos didáticos que incluam a Literatura paraense de maneira mais presente nos currículos de escolas públicas e privadas da Amazônia.

Segundo resenha Maria Lúcia Medeiros, o *Água de Moringa* “apresenta-se como prosa fluente onde a região, a cidade, os costumes e personagens constituem, em legítima propriedade, das melhores expressões literárias dos temas e das

coisas amazônicas”. Trata-se novamente de uma Literatura de reminiscências, recriando fatos e cenas da infância, tema recorrente na obra do escritor. Nesse percurso de volta ao passado, Paulo Nunes recria o mito do boto no município de Marabá – Pará, rememora fatos durante uma Sexta-Feira Santa e casos pitorescos ocorridos em Belém, tais como o de uma pessoa desequilibrada que entra na “Livraria Fadas e Duendes”, casa comercial que ficava localizada na Rua 14 de abril.

A moringa ou bilha representada na capa é um vaso poroso de cerâmica, refrigerador natural de água, presente em muitas casas ribeirinhas, especialmente naquelas onde a eletricidade ainda não chegou, é um repositório de água indispensável. O uso da moringa é mais uma reminiscência.

Fios de Meada (2005), obra bilíngüe⁹, o livro é escrito em português e em francês, e reconta, através da ótica dos autores, lendas e contos das várias regiões e países que a floresta amazônica abrange. Expressão do imaginário, o livro mostra como o homem amazônida constrói os alicerces de sua cultura baseado nas credências, nos dizeres populares e nas lendas repassadas entre as gerações pela tradição da oralidade. Sobre *Fios de Meada*, o autor declara:

Este trabalho encerra um modo particular de contar os casos que eu escutava, antes de dormir; nas redes da infância. A voz de minha velha avó, dona Judith, cabocla do Marajó, nos industriava nas teias do “verdevagomundo”,

Figura 11 – Portada Fios de Meada.



para usar uma expressão do romancista Benedicto Monteiro [...] Não procurei descobrir a pólvora – isso seria burrice da minha parte, pois não? Fiz apenas puxar mais um fio nesse imenso novelo de palavras que é tecido pelo imaginário do Norte do País.

Os peixes mergulham encadeados, navegam pelos igarapés e rios e levam, de um lugar a outro, os ensinamentos dos povos que encontram pelo percurso das águas. As águas da Amazônia, em maior volume são verdejantes, sejam

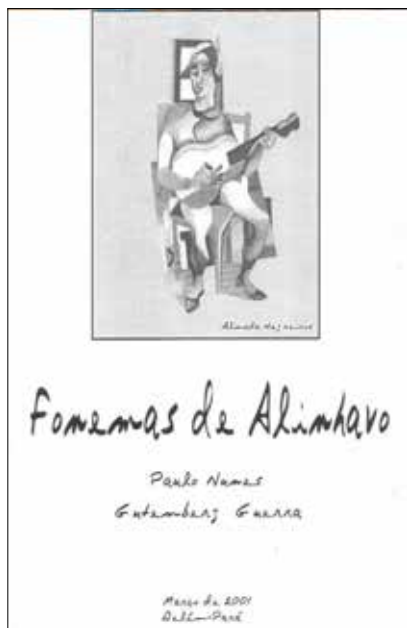
coloridas pela vegetação subaquática ou pelo reflexo do verde das matas e florestas que margeiam os rios. Como os peixes, as histórias da coletânea se encadeiam de tal modo que parecem formar uma grande meada. Na ponta de cada fio, um poeta, um contador de histórias do seu lugar. Nas volutas desta meada, os mitos recontados diluem fronteiras linguísticas e culturais.

Fonemas de Alinhavo (2001), concebido em parceria com o poeta baiano radicado no Pará Gutemberg Guerra, reúne textos apresentados no circuito literário “Não quero prosa”, que aconteceu no “Café

9 O livro é bilíngüe, pois foi escrito por autores da Guiana Francesa (país francófono, localizado próximo ao equador, entre o Suriname e o Brasil) e do Brasil (país lusófono), e, mesmo, para abranger um maior número de leitores desta Pan-Amazônia plurilíngüe. O idioma da leitura dependerá da direção em que se abre o livro.

Art Rock Galeria”, coordenado por Ney Paiva, André Queiroz e Nilson Oliveira. Os poemas, como sugere o título da coletânea, apresentam uma sonoridade latente, com forte apelo auditivo, de modo a enredar o leitor no “alinhavo” poético entretecido pelos autores.

Figura 12 – Portada *Fonemas de Alinhavo*.

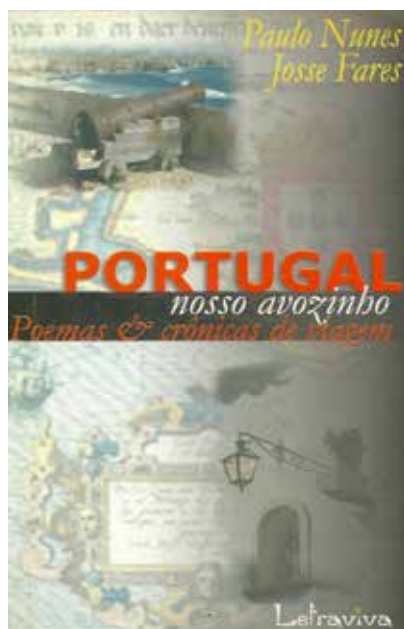


A capa é uma reprodução de Almada Negreiros, artista plástico e escritor português, colaborador dos movimentos Futurista e Modernista em Portugal, inclusive é um dos fundadores da *Revista Orpheu*. A tela representa um homem sentado tocando um violão ou o que os portugueses chamam de guitarra, como que a espera dos acordes, das letras para uma canção. Os escritores-compositores Nunes e Guerra, na parceria alinhavada com fios poéticos, fios sonoros, atribuem vida, cores e fones, à imagem inerte, cinza e muda do violão.

¹⁰ É possível estabelecer um intertexto do título do livro com o poema “Portugal, meu avozinho”, de Manuel Bandeira, publicado em *Mafuá do Malungo* (1948). A vertente temática do poema de Bandeira se desdobra em todo o livro.

Paulo Nunes é um incessante proseador quando o assunto é Belém, tamanha sua paixão pela cidade, mesmo quando fala sobre outros lugares, como acontece em *Portugal, nosso avozinho: poemas e crônicas de viagem*¹⁰, escrito em parceria com Josse Fares. Lançado no ano de 2000, em comemoração aos quinhentos anos de descobrimento, ou melhor, de “invenção” – como advertem os autores – do Brasil pelos portugueses, o livro estabelece uma interseção, um elo fraterno entre Brasil e Portugal.

Figura 13 – Portada *Portugal, nosso avozinho: poemas e crônicas de viagem*.



Como num diário de viagem, o livro conta, ora em verso, ora em prosa, tudo o que os viajantes-aprendizes Paulo e Josse, vislumbraram nas terras de Pessoa e Camões. Faz uma espécie de comparação com o que há aqui no Pará e o que há em Portugal. No poema “Óbidos”, descreve poeticamente uma cidade, deixando nas entrelinhas da dubiedade do nome, se uma cidade em Portugal ou no Pará.

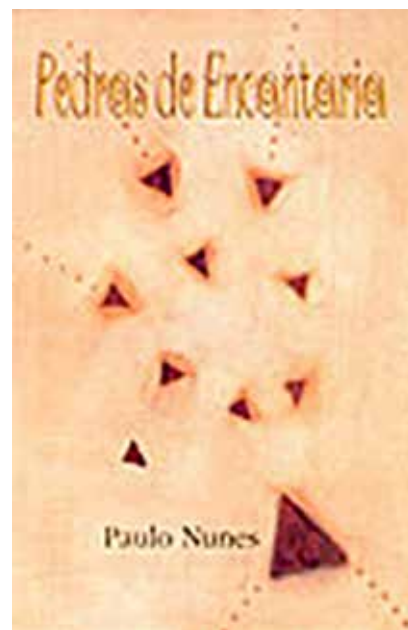
As fotografias da capa aparecem como numa memória enevoadas, nelas se podem ver aspectos da cultura portuguesa, como os fortes, os casarios, janelas, azulejos, fragmentos de escritos de autores portugueses. Mostras de nossa herança portuguesa. Somos filhos e netos de

lusitanos e guardamos, em nossos genes, em nossa cultura, traços dos homens e de uma história que vieram das terras de lá, de além do Bojador.

Ensaaios

Pedras de Encantaria (2001), em parceria com Josse Fares, congrega as dissertações *O Entorno da Serpente: um discurso do imaginário tecido em verbos e imagens*, de Josse Fares e *Aquonarrativa: uma leitura de Chove nos campos de Cachoeira de Dalcídio Jurandir*, de Paulo Nunes. Este último apresenta um delicado estudo sobre as águas e todas as suas vertentes temáticas que compõem a literatura da região amazônica, ao que irá chamar de “aquonarrativa”. Nunes entende que a prosa amazônica flui numa mesma liquidez das águas que caracterizam a região, assim, no interior da narrativa, abundam significantes relativos às águas.

Figura 14 – Portada *Pedras de Encantaria*.



O título do livro, pelo jogo semântico, pode ser lido em duplo sentido. Remete às pedras de encantaria, similares ao mármore, utilizadas para a pavimentação das ruas da Belém de antigamente. As encantarias foram importadas da Europa e trazidas para Belém durante a Bela Época na intenção de embelezar, urbanizar e modernizar a capital,

moldando-a semelhante às grandes cidades europeias. Na Cidade Velha, um dos primeiros bairros de Belém, em algumas áreas preservadas pelo patrimônio histórico ainda é possível observar esse tipo de pavimento. As pedras de encantaria também podem fazer referência à morada dos “encantados” ou das entidades caboclas, seres que se metamorfoseiam em elementos da natureza.

Em 2007, novamente em parceria com Josse Fares, traz à tona: *Transmares: vozes em diálogo (ensaios sobre Literatura portuguesa, Literatura africana de expressão portuguesa e outras interfaces)*. Como o subtítulo indica, são ensaios que propõem uma transposição de fronteiras e aproximação solidária entre diferentes escritores africanos, brasileiros e portugueses, com o intuito de interligar países e culturas cujo patrimônio comum é a Língua Portuguesa. Desvelam a necessidade de inserir e integrar a Literatura de Expressão Amazônica no mapa maior da Literatura Brasileira e da Literatura Lusófona, bem como trazer as vozes de poetas contemporâneos de África e Portugal para o solo da Amazônia.

Figura 15 – Portada *Transmares: vozes em diálogos*.



Didáticos

Paulo Nunes, em coautoria com Josebel Fares, Josse Fares e Rey Vinas, lança *Texto e Pretexto: experiência de educação contextualizada a partir da Literatura feita por autores paraenses* (1988). O livro, elaborado à luz da teoria freireana, compôs o projeto pioneiro de regionalização dos currículos das escolas municipais de Belém. O projeto “Texto e Pretexto” iniciou na década de 1980, mais precisamente em 1985, sob a coordenação de Lindomar Teodora da Silva e Josebel Akel Fares, a partir da reivindicação dos professores da rede municipal que reclamavam não haver, na grade curricular, nada que pudesse representar um (re)conhecimento da cultura amazônica e paraense. De modo a atender à reivindicação e ao interesse dos professores, foram implementadas na SEMEC três disciplinas: Estudos de Questões Regionais (EQR), História do Pará e Literatura Paraense.

Para tanto, a SEMEC assinou convênio com a Universidade Federal do Pará, então a única universidade a ter curso de Letras em Belém, para pensar num processo de implantar na rede municipal a disciplina literária. Assim, os professores José Guilherme Castro, representando a UFPA, Josse Fares, representando a SEMEC, juntamente com Paulo Nunes e Josebel Fares, organizaram quatro módulos de capacitação de professores, processo que durou cerca de dois anos. Ao final desta etapa, a proposta era a de que deveria haver um material didático, livro ou coisa similar, os professores, então, resolveram escrever o que viria a ser posteriormente, o “Texto e Pretexto”.

Os exemplares do *Texto e Pretexto: experiência de educação contextualizada a partir da Literatura feita por autores paraenses* editados pela SEMEC serviram de incentivo à leitura, em articulação com o estudo da disciplina que tinha apenas duas horas semanais. Foi um projeto extenso de difusão do literário. O projeto estava sustentado em três pilares teóricos, a saber: na leitura crítica do mundo segundo propõe Paulo Freire;

na busca do prazer, a literariedade do texto; e, no conhecimento da cultura paraense, amazônica, intercambiada com a brasileira, a partir da literatura.

Na primeira versão, em quatro volumes, traz estudos de textos dos autores paraenses João de Jesus Paes Loureiro, Ápio Campos, Lindanor Celina, Bruno de Menezes, Eneida de Moraes, Dalcídio Jurandir e Ruy Barata. A edição da SEMEC traz capa e ilustrações de Jota.

Na segunda versão, editada pela CEJUP, foram incluídos Haroldo Maranhão, Antônio Juraci Siqueira, Heliana Barriga, paraenses; Thiago de Melo e Márcio Souza, amazonenses; e, Hélio Melo, acreano. Com a ampliação do rol de escritores apresentados, além dos paraenses, houve uma mudança no título do livro que passou a ser *Texto e Pretexto: experiência de educação contextualizada a partir da Literatura feita por autores amazônicos*, com denominação mais abrangente. Os dois volumes da edição trazem capas com poemas-colagens do poeta paraense Max Martins.

As duas edições do livro chegaram a uma tiragem de mais de 25 mil exemplares distribuídos entre as escolas do município de Belém e muita fotocópia tirada, hoje com ambas as edições esgotadas. Em 1991, a experiência de educação contextualizada contida no livro foi apresentada no “8º Congresso de Leitura no Brasil”, realizada em São Paulo, e obteve boa receptividade.

Ainda no viés didático, desta vez em parceria com os professores José Ildone, Josse Fares, Josebel Akel Fares, Maria Lúcia Medeiros, Nilza Melo e Silva e Leila Sodré, lança pela Secretaria de Educação do Pará, *Do Texto ao Texto: leitura, gramática e criação* (1994). Este didático, direcionado aos alunos da rede pública estadual de ensino, originou-se do projeto “O Livro Didático para a Amazônia”. A partir de textos de autores amazônicos, o livro busca, a partir da literatura, ensinar gramática, produção textual e incentivar a leitura de textos que falem de nossa cultura e de nossos escritores tão pouco mencionados em sala de aula.

Figura 16 – Portadas dos volumes de Texto e Pretexto editados pela SEMEC.



Figura 17 – Portadas Texto e Pretexto (volumes 1 e 2) editados pela CEJUP.

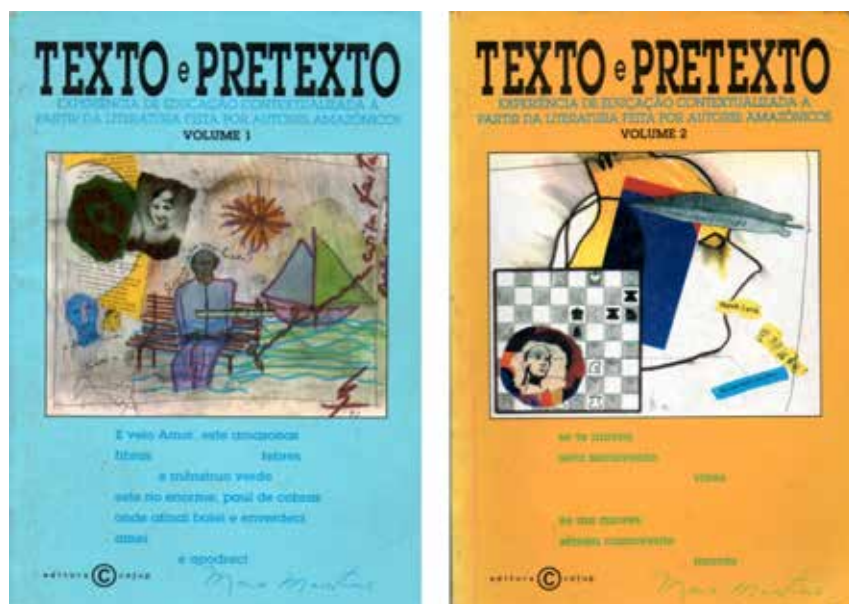


Figura 18 – Portada Do Texto ao Texto: leitura, gramática e criação.



* * *

A escrita de Paulo Nunes passeia por diversas modalidades, do conto ao poema, do infanto-juvenil ao erótico, do literário ao didático e assim por diante. Prova de sua destreza ao lidar com a palavra, “essa alardia, essa prava, essa lavra/pavulagem”¹¹. A obra do escritor revela sua filosofia de vida, revela também um artista múltiplo e um cidadão militante

pela causa literária e pela educação do sensível. De fato, conforme esclarece Barthes (2007, p. 26-27), o escritor é o sujeito de uma prática que se encontra na encruzilhada de todos os outros discursos. Opera com jogos de signos e linguagens e, nesses jogos, produz o lúdico e o gozo e torna os partícipes desses jogos, soldados e militantes.

Como se trata de escritor em plena atividade, torna-se, o leitor já desconfiou disso, difícil se fazer uma biobibliografia exata. É uma produção que está, para utilizar expressão do autor, “em gerúndio”, se construindo vida afora. No entanto, o que aqui está registrado serve de roteiro para se ter uma referência sobre a produção de Paulo Nunes.

¹¹ Fragmento do poema “IX – Silente” (NUNES, 2007, p. 19).

LA POÉTICA DE PAULO NUNES

RESUMEN:

El escrito ora propuesto pretende una especie de amuestra biográfica, una presentación panorámica, un sobrevuelo rasante de la/en la poética del escritor paraense Paulo Nunes. La escrita biográfica transpone un amplio conjunto de valores que constituyen el biografiado: las impresiones personales; la formación; la historia de vida; los compromisos con la sociedad que lo han formado y consigo mismo. Cuando se reconstituye la vida de una personalidad, es común narrar los fatos de acuerdo con una cronología y trayecto más o menos arreglados. En esta recomendación, se presentará la poética de Paulo Nunes en una progresión temporal sucesiva y lineal. Las obras fueron agrupadas conforme la temática. Escribir la vida de un poeta es contar/cantar no solamente la historia del autor, pero también un poco la historia de los libros. Todo texto está sujeto a la interpretación y toda interpretación empieza a partir de la primera lectura – la del autor. Una obra literaria es, pues, un documento que nos posibilita conocer quien la ha creado, su étimo espiritual, su visión del mundo. Con efecto, importa registrar el nombre de este escritor de obra poética vasta y significativa, pero hasta entonces poco conocida. De esta manera, la construcción de una biografía literaria es de gran relevancia, visto el emergente levante por el (re) conocimiento de la producción de escritores/ intelectuales de la Amazonia. Elevar la cultura amazónica y amalgámala a la nacional es imprescindible para que pueda la Literatura de expresión amazónica ser la fuente primera en la que beben los lectores/educandos y, a partir de ella, apuren el gusto por la Literatura universal.

PALABRAS CLAVE:

Poética. Paulo Nunes. Biografía Literaria. Literatura Amazónica.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Arte poética*. São Paulo: Martin Claret, 2003. (Coleção A obra-prima de cada autor)

BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977*. 15. ed. Tradução e posfácio de Leila Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2007.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987. (Coleção Elos)

BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a arte*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.

CRUZ, Nathália da Costa. *Água, tempo e memória: o imagético e o simbólico em Banho de Chuva de Paulo Nunes*. Monografia de Pós-graduação lato sensu em Língua Portuguesa e Análise Literária. Belém: UNAMA, 2011.

FARES, Josebel Akel et al. *Texto e Pretexto: experiência de educação contextualizada a partir de autores paraenses*. Belém: SEMEC, 1988. (Volumes I, II, III e IV)

FARES, Josse & NUNES, Paulo. *Pedras de Encantaria: dois ensaios amazônicos*. Belém: EdUNAMA, 2001.

FARES, Josse & NUNES, Paulo. *Transmares: vozes em diálogo (ensaios sobre Literatura portuguesa, Literatura africana de expressão portuguesa e outras interfaces)*. Belém: Unama, 2007

HADDAD, Lara. *A ilustração literária*. Londrina: Lara Haddad, 2008.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.

NUNES, Paulo. *Banho de Chuva*. Ilustrações de Emanuel Franco. 5. ed. rev. e ampl. Belém: Editora Amazônia, 2010.

NUNES, Paulo. *Ou: poemas não são linguagens*. Belém: Edição do Autor, 2007.

NUNES, Paulo. *Baú de bem-querer*. São Paulo: Paulinas, 2006. (Coleção Lua Nova. Série Pererê II)

NUNES, Paulo. *Fios de Meada: contos amazônicos recontados por Paulo Nunes*. = *Comme lês fils d'une pelote: contes amazoniens repris par Paulo Nunes e Mots tissés: contes de Guyane* = *Palavras tecidas: contos da Guiana*. Belém: IAP; CRDP – Guyane; Promolivres, 2005a.

NUNES, Paulo. *Água de moringa*. Belém: Editora Amazônia, 2003. (Coleção Pará Didática)

NUNES, Paulo. *O mosquito qu'engoliu o boi*. Capa e ilustrações de Emmanuel Nassar. Belém: Paka-Tatu, 2002.

NUNES, Paulo. *Arco Mutante dos Huancos*. Belém: Alpharrábios, 1997.

NUNES, Paulo. *Vaginário*. Belém: Alpharrábios, 1993.

NUNES, Paulo & FARES, Josse. *Portugal, nosso avozinho: poemas e crônicas de viagens*. Capa de Branco Medeiros. Brasília: Letraviva, 2000.

NUNES, Paulo & GUERRA, Gutemberg. *Fonemas de Alinhavo*. Belém: [s. n.], 2001.

PAULINO, Graça et al. *Intertextualidades: teoria e prática*. Minas Gerais: Lê, 1995.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais de poética*. Tradução de Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.